

A SUPERVISÃO DE ORIENTAÇÃO PSICANALÍTICA DENTRO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR: DA TRANSFERÊNCIA AO DESEJO DE SABER

Breno Jorge Costa Rodrigues

RESUMO: A psicanálise, habitante das instituições de ensino superior, propõe suas distinções e particularidades. O meio acadêmico e científico discursa de um conhecimento e de um saber racional, lógico, dos métodos e instrumentos. Contudo, em se tratando da subjetividade humana, esse formato pode se concluir em um saber? O ensino da psicanálise e de suas práticas nesse meio parece encontrar obstáculos, permeando a impossibilidade. Quanto a isso, as supervisões clínicas de orientação psicanalítica consideram as palavras como caminho e ferramenta de conhecimento, em muitos casos, um saber. Para além da simples transmissão do conhecimento, no ato do supervisor, as indiscriminações do supervisionando dão lugar ao desejo de saber.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, Supervisão clínica, Conhecimento e saber.

INTRODUÇÃO

Entre a teoria e a prática, as instituições de ensino superior que oferecem o curso de Psicologia possuem em sua grade curricular os estágios clínicos supervisionados. Momento de articulação e integração teórico-prática, desenvolvimento de experiências e competências. Contudo, a psicanálise, habitante desse meio, propõe suas distinções e particularidades.

O presente texto, estimulado pelas inspirações e desafios da formação em Psicologia, instiga uma relação permanente entre o sujeito e o real, um vir-a-ser constituído pela interação da subjetividade com a objetividade dos envolvidos (MENEGHETTI, 2011)¹. Afirma a noção de que os “pensamentos, sentimentos, incertezas, certezas e contradições de uma pessoa merecem divulgação e em seguida atenção de outras” (BOORSTIN, 1995 *apud* MENEGHETTI, 2011)².

Dentro dessa proposta, este ensaio tem como objetivo geral propor algumas considerações sobre o lugar do conhecimento e do saber dentro das instituições de ensino superior por um olhar da psicanálise no contexto da supervisão clínica. Este

texto, portanto, foi desenvolvido durante as supervisões clínicas de orientação psicanalíticas em umas das instituições de ensino superior da região do Vale do Aço em Minas Gerais, Brasil. Entre algumas formalizações do pensamento criativo e uma maior liberdade da forma metodológica, faz uso das experiências clínicas e de referencial teórico correlato para propor suas reflexões.

Em muitos momentos poderá ser interpretado como uma construção pedagógica e educativa, o que seria equivoco e uma contradição epistemológica ao referencial teórico psicanalítico em questão. Assim, sua proposta é revelar o potencial de pressuposto clínico aplicados a um contexto aprendizagem, o que não permite entender o supervisor de orientação psicanalítica como um educador, visto que essa não é a sua função. Este, por mecanismos transferências, possibilita um movimento singular do desejo de saber.

Desse modo, enfatiza o aluno como produtor de seu próprio discurso e saber, que se encontra em processo de constante descoberta, em uma operação simbólica e imaginária que relaciona o conhecimento em suas diversas significações (ALMEIDA, 1998)³. Ressalta o ato do supervisor de orientação psicanalítica nos estágios clínicos supervisionados oferecidos nas instituições de ensino superior como dispositivo de intervenção para com possíveis indiscriminações de seu supervisionando.

Fazendo uso de uma breve revisão bibliográfica acerca do tema proposto, instigando o leitor a refletir sobre como os operantes da linguagem impulsionados pelo inconsciente e suas estruturações estariam presentes no contexto de supervisão clínica psicanalítica nas instituições de ensino superior, movimentando afetos e gerando novos saberes.

DE UM DISCURSO QUE NÃO DEVE SER COMPREENDIDO

A psicanálise configura um saber mais para os peregrinos, nem tanto para os turistas. Da mais importância a trajetória, menos ao ponto de partida ou ponto final. Propõe algo que não está somente associado ao lugar de destino, mas muito mais aos percalços do caminho, que pode ser reinventado ainda no movimento de caminhar. Para isso, dá prioridade ao diálogo, portanto, ao ouvir, as palavras e ao falar.

Esse discurso que não é apenas discurso, facilita e amplia a capacidade de propor formulações e reformulações, deixando-se afetar por seus conceitos e validando-os não só como sua produção, mas também como orientadores de suas práticas, diretrizes e princípios.

Essa posição questiona a possibilidade de um saber apriorístico, ou até mesmo do conhecimento, que é, em grande medida, apropriado pelas instituições de ensino superior, postulantes de que este, uma vez adquirido, pode ser transmitido, condicionado ao sempre replicável, dito e feito.

A produção crítica entre algumas perspectivas de conhecimento e a psicanálise parece infundável e tem propiciado um ambiente fértil para novas formulações. Em meio a isso, todo aquele que pretende se aventurar pela subjetividade humana, deve, antes de mais nada, se atentar para algumas considerações.

No mundo da formatação do desejo, do caminho correto a seguir, podemos pensar a resistência como pressuposto para o surgimento do sujeito. O negativo funda a experiência do saber do inconsciente, em contrapartida ao conhecimento positivo da consciência. A linguagem e as palavras são formas de encontrar um significado para as inquietações.

Todo saber se inicia com uma pergunta. Do mesmo modo, a psicanálise propõe em seu método as palavras em um lugar que não se tem as respostas, no qual a única verdade é verdade do sujeito, que vai e volta, incessantemente. Palavras inacabadas que apontam para um vazio gerador de mudanças, favorável à criação e a estados de transição. O vazio e a falta são combustível do saber.

A expressão “mais do mesmo” denota uma certa repetição, vontade de se fazer algo novo, mas que sem muita criatividade para tal, acabamos por replicar o que já se fez, em uma produção muito parecida com o que já se tem. Ironiza o fracasso contido nas tentativas do inédito. Representa, de modo flagrante, as limitações do real.

De modo semelhante, a expressão “estou falando com as paredes”, que é utilizada por Lacan (2011)⁴, para dar título a suas “conversas na capela de Sainte-Anne”, expressa um certo grau de insistência, até mesmo de fadiga, por parte de alguém que em uma conversa pretende explicar algo, mas aquele que ouve não compreende ou não se permite entender.

No texto citado acima, Lacan (2011)⁴ revela um determinado momento de sua trajetória em que fora indagado sobre a incompreensão de seus escritos, sua resposta não poderia ser mais simples: “Se minha fala fosse incompreensível, não vejo muito bem o que vocês estariam fazendo aí em grande número, ainda mais que esse número, em boa parte, é feito de pessoas que voltam”.

Mais adiante ele faz uma analogia com a matemática. Cita um determinado artigo sobre matemática que fora lido passado por um amigo e que era extremamente

avançado as suas compressões naquele momento. Nada que um pouco mais de intimidade com o assunto não ajudaria. A matemática, que é incompreendida por muitos, não deixa de ter o seu valor, evidentemente, tem seu lugar dentro do conhecimento.

É certo que não seria possível a hipótese do sujeito do inconsciente sem a hipótese do sujeito da razão. O ocidente, a partir da modernidade, convida-nos a certeza do conhecimento através método e da lógica, da causa e da consequência, dos fenômenos e seus nexos. Toda revolução da psicanálise está em agregar a tudo isso aquilo que escapa ao raciocínio formal.

Entre prós e contras, se por um lado algumas perspectivas do conhecimento confiam plenamente na sua produção, por outro, a questão da psicanálise é a possibilidade desse alcance. Ideais cientificistas afirmam que a conclusão em um saber é uma questão metodológica e instrumental, a proposta da psicanálise desconfia e problematiza essa relação.

Por vários motivos, o discurso da psicanálise não deve ser compreendido, pois coloca em cheque toda uma estrutura cínica estruturada e laçada nos sintomas neuróticos do mito do conhecimento. Em vista disso, a aceitação da proposta psicanalítica colocaria em colapso toda uma estrutura política de produção e reprodução do conhecimento.

A ciência moderna, em um discurso pensado de fora e que desconsidera o sujeito que busca conhecer, estabelece em sua relação com o mundo, modelos que falam a respeito dos fenômenos em destaque em determinado estudo (RODRIGUES, COSTA; SILVA *et al.* 2005)⁵. Para a psicanálise, os estudos que tem o objeto e objetivo o conhecimento do sujeito a partir de indagações filosóficas e pela apreciação descritiva e controlada dos fenômenos não dão conta de se concluírem em um saber (FIGUEIREDO; VIEIRA, 1997)⁶.

O corte propiciado a partir da hipótese do inconsciente produziu uma relocação do sujeito lógico do conhecimento hipotetizado por Descartes, no qual a presença determinante não é mais o da razão, mas sim a do desejo (CARNEIRO, 2010)⁷. Para isso, a psicanálise tem como objetivo a inserção de seu objeto de estudo, o sujeito, em seu próprio método que, balizado pela linguagem, visa a produção de um modo próprio, peculiar e singular de conhecimento, o saber (FIGUEIREDO; VIEIRA, 1997)⁶.

Constituídas sob coordenadas cartesianas, nas instituições de ensino superior, o conhecimento é direcionado as regras precisas de produção e visa garantir leis de

verificação, métodos científicos e políticas institucionais (FIGUEIREDO; VIEIRA, 1997)⁶. Se afirmar sobre a ideia de transmissibilidade plena do conhecimento, onde o lugar de quem ensina é claramente definido, restando ao aluno só aprender⁶. Contudo, o conhecimento científico é contra intuitivo, um mito, uma invenção, que surge das tensões humanas a fim de gerar apaziguamento (CARNEIRO, 2010)⁷. Entre a natureza humana e o mundo a conhecer não há nenhuma afinidade, profunda diferença, nenhum elo (CARNEIRO, 2010)⁷.

Podemos dizer que o conhecimento tem uma forte relação com a ignorância (LACAN, 2011)⁴. O que está em jogo dentro das instituições de ensino são as denúncias que questionam as maneiras “de estabelecer o saber e de fazer dele um saber estabelecido” (LACAN, 2011)⁴. Se na busca pelo conhecimento somos seduzidos a ponto de não reconhecermos indiscriminações, paradoxalmente, talvez, ignorantes nos tornamos, talvez sintomáticos, ao nos entregar sem qualquer escrúpulo. Qual o sentido de, na busca pelo conhecimento, encontrar a ignorância? Seria a conhecimento um sintoma dentro das instituições de ensino superior?

A expressão “só sei que nada sei”, fundadora do ocidente, em certa época denotava a modéstia por parte daquele que diante dos fatos reconhece e nega de forma sincera a possibilidade de conhecer algo. Na contemporaneidade a expressão denota outras formas, as mesmas palavras expressam um discurso cínico, no qual tudo conheço, tudo posso conhecer e faço o que quiser com aquilo que acho que conheço. O conhecimento é vendido e estruturado como fetiche para atender ao desejo e gozo de muitos.

A expressão “os vários lados de uma mesma moeda” produz perplexidade aos mais desatentos. Como assim, uma moeda não tem apenas dois lados? Indagou o lógico. Seria “mais do mesmo” ou estaríamos mais uma vez “falando com as paredes”? A ideia de moeda geralmente pressupõe valor, e o fetiche do conhecimento a um valor, por sua vez, possui várias faces. A moeda é reconhecidamente um objeto de troca. Me dê o que eu quero e te darei o que quer. No campo da produção do conhecimento, que trocas revelaria um sintoma? O fetiche do conhecimento está presente na imaginação e na medida em que nele é depositado um valor, essa moeda pode apresentar vários lados.

A questão da psicanálise é, portanto, anterior a uma possível conclusão do conhecimento em um saber e problematiza as possibilidades do acesso ao real. O conhecimento é refém e escravo do real (nota de rodapé), da obscuridade e dos interesses das ideologias, o saber, não. Entre as instituições de ensino superior e a

produção de um saber existe uma grande lacuna. O ensino da psicanálise e de suas práticas sob diretrizes normativas do ensino institucionalizado parece encontrar obstáculos, permeando a impossibilidade.

Nas universidades, onde o conhecimento sobre psicanálise é bastante difundido, a relação entre professores e alunos, entre supervisor e supervisionando tem se mostrado um caminho introdutório para o conhecimento da psicanálise. Contudo, uma relação acrítica e indiscriminada das formas de transmissão do conhecimento, direcionada e formatada ao preestabelecido das coordenadas científicas, sob as regras e políticas contraditórias da instituição, não darão conta de preceder um saber.

O ATO DO SUPERVISOR

Relatado os lugares dos sujeitos da razão e da lógica, institucionalizados, dispostos as regras de produção do conhecimento, qual seria o papel do supervisor de orientação psicanalítica no ensino da clínica dentro das instituições de ensino superior? Este, se insere justamente entre o conhecimento sobre psicanálise e o saber do psicanalista. O ato do supervisor incide sobre a aprendizagem do supervisionando, não apenas pela transmissão do conhecimento, como seria esperado, mas principalmente pela operação transferencial.

O supervisor, mais do que testemunha, é aquele que reconhece aquilo que ultrapassa a intenção do dito no ato de sua intervenção (FIGUEIREDO; VIEIRA, 1997)⁶. Distante de um formato que desloca o sujeito responsável por sua formação e detentor do seu próprio saber, a ênfase muda do conhecimento ao desejo de saber, do conteúdo às vias de acesso a este⁶. Assim, o ensino fundamenta-se menos na transmissão de conceitos e mais sobre a experiência singular do trabalho analítico (FIGUEIREDO; VIEIRA, 1997)⁶.

Por tudo que já foi exposto, não se deve alegar as instituições de ensino superior o papel da formação de analistas, pois estas não se propõem a isso, mas de modo paradoxal, talvez esse seja um dos melhores lugares para o ensino dessa proposta. Nesse sentido, no ambiente do conhecimento por excelência, configura-se, em um só tempo, uma precisa contradição entre a falta e o conhecimento, e é justamente aí que existe a possibilidade do ensino contido na prática clínica e a produção de um saber, o saber do psicanalista.

Em um cenário parecido ao de uma análise, o supervisionando, aquele que ouviu ao sujeito que fala e que foi colocado no lugar do sujeito suposto saber, agora

coloca o supervisor como ouvinte e endereça a ele suas demandas (FIGUEIREDO; VIEIRA, 1997)⁶. Contudo, se o supervisionando é aquele que não sabe, o supervisor é quem sabe menos ainda, e seu trabalho é duplamente impossível, pois cabe a ele ouvir o relato do relato⁶.

Na supervisão as posições se invertem, o sintoma em questão não é a do sujeito atendido pelo supervisionando, mas sim deste, que expõe algo de si como sujeito no ambiente de aprendizagem (FIGUEIREDO; VIEIRA, 1997)⁶. As supervisões nada têm a ver com o sujeito que é atendido pelo supervisionando, mas sim com este, e suas questões como aprendiz. O supervisor propõe uma intervenção para fazê-lo saber e não para conhecer o que ele não conhece.

Essa operação só faz sentido na medida em que, dentro de uma de significantes que hora são ignorados e recusados, hora são aceitos e acolhidos, seja numa função consciente e objetivante ou inconsciente e subjetivante (ALMEIDA, 1998)³. De acordo com o saber contido no ato do supervisor, elaborado em suas próprias experiências, mas que não se confundem ao saber a priori, mas muito mais ao lugar dado a linguagem no lugar de fala, relaciona-se as origens primitivas do supervisionando, que são atualizadas na relação transferencial com o supervisor.

O supervisor é um espelho, não alguém que deve ser refletido nas práticas do supervisionando, mas sim, alguém que mostra a própria imagem do supervisionando para que ele possa se ver. Semelhante ao “Complexo de Édipo”, experienciado subjetivamente na estrutura do parentesco, tal relação caracteriza a obtenção de saber pelo supervisionando, que poderá ser confirmado ou não, facilitado ou não, de acordo com as vivências em questão.

Freud se refere ao desejo como um processo psíquico dinâmico que não depende de um objeto externo e concreto para a sua realização (ALMEIDA, 1998)³. Lacan, mais adiante, afirma que o desejo é um objeto faltoso para além das necessidades e das demandas, objeto causa do desejo, ligado as fantasias do sujeito (ALMEIDA, 1998)³. Se por um lado a falta transita entre supervisor e supervisionando, por outro, o pacto do ensino mantém a necessidade e a demanda de aprendizagem⁶.

Diante disso, pode-se compreender a supervisão como um trabalho que se encontra precisamente na interseção entre teoria e prática psicanalítica⁶. O ensino da clínica, em um só momento “remete à teoria, saber referencial, e à análise do futuro analista, saber singular” (FIGUEIREDO; VIEIRA, 1997)⁶. O supervisionando, que

outrora serviu como ouvinte do sujeito em entendimento, agora “endereço uma questão sua sobre a questão que lhe é endereçada” (FIGUEIREDO; VIEIRA, 1997)⁶.

Nesse contexto, o superviso muito pouco tem a fazer no sentido de transmitir conhecimento para prevenir ou prever condutas (FIGUEIREDO; VIEIRA, 1997)⁶. A busca pelo saber do manejo clínico e seus efeitos se oferecem à escuta do supervisor, que em seu ato reforça o ato do supervisionado, que toma para si a responsabilidade que o deixa inteiramente só em sua ação (FIGUEIREDO; VIEIRA, 1997)⁶. Uma vez produzido, cria a possibilidade de um novo saber. É a partir daí que o supervisor trabalha (FIGUEIREDO; VIEIRA, 1997)⁶.

DO SABER DO PSICANALISTA

As ciências, de modo geral, estabelecem que para se chegar a algum conhecimento o pesquisador deve se afastar ao máximo de seu objeto de estudo. Contudo, no que se refere a subjetividade humana como se dá esse processo? Quem estaria mais próximo de produzir algum conhecimento, aquele que se afasta ou aquele que se aproxima desse objeto? Indo um pouco mais além, uma vez que o conhecimento no formato das ciências nós já conhecemos, como seria produzir um conhecimento na relação com seu objeto de estudo?

Quando nos afastamos do objeto produzimos conhecimento, no contato com ele produzimos saber. A psicanálise consiste numa teoria que pretende descobrir os caminhos de um sintoma não anseia em ser uma propedêutica e nem uma proposta cuja função é orientar e salvar o sujeito (GODINO, 1982)⁸. “A experiência analítica não se produz por um olhar lançado de fora, por alguém que simplesmente observa um fenômeno” (RODRIGUES; COSTA; SILVA *et al.* 2005)⁵. Diferentemente, a “experiência analítica é o próprio fenômeno” (RODRIGUES; COSTA; SILVA *et al.* 2005)⁵.

“A história do paciente e suas significações, só ele sabe, isso não se aprende nas instituições de ensino” (PEDROSA; TEIXEIRA, 2015)⁹. “Isso implica em operar com o saber do paciente e não com um conhecimento sobre o paciente” (PEDROSA; TEIXEIRA, 2015)⁹. Na mímica do saber contida no ato, o papel do analista é a recusa do saber depositado em sua imagem. Contudo, ao mesmo tempo em que não pode assumir este papel, também não pode destituir-se dele, sob pena de abalar a transferência presente no mito do saber contido em seu semblante.

“Em meio a tantos que acreditam ter o conhecimento em suas mãos e com isso subtrair e somar algo do real, a psicanálise abre mão dessa condição e através das palavras, de forma paradoxal, captura e é capturada pelo real” (RODRIGUES, COSTA; SILVA *et al.* 2005)⁵. Temos então na análise é a produção de um saber, que só é possível a partir da inclusão do analista pelo endereçamento do sintoma em sua imagem, sustentando o fantasma neurótico (RODRIGUES, COSTA; SILVA *et al.* 2005)⁵.

“A psicanálise postula que o saber, como inconsistente, é incapaz de transmitir-se sem resto” (FIGUEIREDO; VIEIRA, 1997)⁶. “Isto é válido para todo saber, inclusive o saber psicanalítico” (FIGUEIREDO; VIEIRA, 1997)⁶. “O que não altera absolutamente nada no fato de que o saber é pressuposto na função do analista, e de que é nisso que repousam os fenômenos de transferências” (LACAN, 2011)⁴.

O saber do analista corresponde ao resto, saber que balizado pela transferência do sujeito suposto saber opera transição. Saber esse que não é do analista, mas sim do sujeito e sua verdade. Verdade contida no resto que não pode ser respondida pelo conhecimento, mas somente pelo sujeito e suas palavras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como seria possível alguém que não é supervisor teorizar sobre a supervisão? Indagou o lógico. Seria “Mais do mesmo” ou estaríamos outras vez “falando com as paredes”, ou talvez seriam “os vários lados de uma mesma moeda”? O presente texto se desprende das formas unidirecionais estabelecidas de transmissão do conhecimento.

Dentro das instituições de ensino superior, por sua própria natureza e estrutura, tendemos sempre a nos colocar diante do mestre que nos autoriza. O mundo acadêmico pensa pela transmissão do conhecimento, a supervisão de orientação psicanalítica, por mecanismos transferenciais que possibilitam o desejo de saber. O protagonismo não é mais o supervisor, mas sim o supervisionando, que se autoriza em seu próprio saber.

Questionando as formas de transmissão do conhecimento, o presente texto funda uma nova forma de pensar a supervisão a partir do desejo de saber, dando lugar ao analista protagonista por sua formação. Considera a supervisão não só a possibilidade de transmissão do conhecimento a um aprendiz, mas, mais do que isso, considera o papel da transferência contida no ato do supervisor, que orienta e direciona o supervisionando na construção do seu próprio saber. Coloca-se no campo do conhecimento porque está escrito, mas busca o que não está nele.

O conhecimento, por si só, é uma prática destituída de saber, pois visa controlar as variáveis do fenômeno, estabelecendo práticas que confirmam a uma determinada lei ou padrão. O conhecimento está escrito, o saber ainda está por vir. O conhecimento, por mecanismos lógicos e racionais, busca um sentido dentro do estabelecido, o saber busca um lugar para o desconhecido. O conhecimento visa implantar no novo o velho, o saber visa descobrir no velho algo novo.

A produção de conhecimento do inconsciente se dá na forma de saber, um saber sobre si, que não está contido apenas no conhecimento, pois esse propõe algo para todos. A psicanálise é um conhecimento fracassado. Longe disso ser algo ruim, pois é justamente isso que contém sua inovação. Sempre é possível colocar uma vírgula. Se queres uma lei, eis a lei da psicanálise, a lei da linguagem.

Crítica do contemporâneo, a psicanálise propõe a reformulação de nossas coordenadas na busca pelo conhecimento e pelo saber. Mesmo que detentora de um conhecimento enciclopédico sobre o psiquismo humano, não superestima seus conceitos, não os sobrepõe as palavras do sujeito. O supervisor, o supervisionando e sujeito em atendimento, dão lugar ao inesperado, a um possível novo caminho, a um novo saber.

REFERÊNCIAS

- [1]. MENEGHETTI, F.K. O que é um ensaio-teórico? *Rev. adm. contemp.*, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 320-332, abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141565552011000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 nov. 2018.
- [2]. BOORSTIN, D.J. Os criadores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995 *apud* MENEGHETTI, F.K. O que é um ensaio-teórico? *Rev. adm. contemp.*, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 320-332, abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141565552011000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 nov. 2018.
- [3]. ALMEIDA, S.F.C. Desejo e aprendizagem na criança: o conhecimento como uma significação fálica possível. *Estilos clín.*, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 84-93, 1998. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571281998000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 01 nov. 2018.
- [4]. LACAN, J. Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne / Jacques Lacan 1901-1981; tradução: Vera Ribeiro; revisão técnica: Romildo do Rêgo Barros; [coleção dirigida por Jacques-Alain e Judith Miller; assessoria brasileira: Angelina Harari]. — Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- [5]. RODRIGUES, A.C.; COSTA, C.A.R.; SILVA, M.E.A. *et al.* Psicanálise, saber e conhecimento. *Rev. Dep. Psicol., UFF, Niterói*, v. 17, n. 2, p. 99-108, dez. 2005. Disponível em

- :<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010480232005000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 jul. 2018.
- [6]. FIGUEIREDO, A.; VIEIRA, M. Sobre a supervisão: do saber sobre a psicanálise ao saber psicanalítico. *Cadernos IPUB (UFRJ)*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 25-30, 1997. Disponível em: <http://litura.com.br/artigo_repositorio/supervisao_pdf_1.pdf>. Acesso em 19 jul. 2018.
- [7]. CARNEIRO, K.S.R. Psicanálise como um modo de saber e poder. *Cogito*, Salvador, v. 11, p. 29-35, out. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151994792010000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 jul. 2018.
- [8]. GODINO, A. *Curso e discurso na obra de Jacques Lacan*. São Paulo: 1982.
- [9]. PEDROSA, R.L.; TEIXEIRA, L.C. Psicanálise e construção do caso clínico: considerações sobre um dispositivo terapêutico. *Rev. Subj., Fortaleza*, v. 15, n. 1, p. 76-83, abr. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S235907692015000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 nov. 2018.